



## AS RUÍNAS DA IGREJA DE PEDRA E A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA VILA DE JOANES – ILHA DO MARAJÓ – PARÁ: DOCUMENTAÇÃO ATRAVÉS DA ORALIDADE.

**MELO, ANA LAURA<sup>1</sup>; MIRANDA, CYBELLE SALVADOR<sup>2</sup>.**

1. Arquiteta e Urbanista pela Universidade da Amazônia (UNAMA), mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará, integrante do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO), na Universidade Federal do Pará.  
Endereço Postal: Av. José Bonifácio, nº160 apt.201, Fátima, Pará, Brasil.  
E-mail: [analaure.melo@hotmail.com](mailto:analaure.melo@hotmail.com)
2. Doutora em Antropologia, Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, coordena o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO), na Universidade Federal do Pará.  
Endereço Institucional: Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto, Atelier de Arquitetura, Guamá, Belém, Pará, Brasil.  
E-mail: [cybelle1974@hotmail.com](mailto:cybelle1974@hotmail.com)

### RESUMO

Com enfoque na história da arquitetura religiosa, este artigo se propõe a tratar duas construções religiosas em uma pequena vila chamada de Joanes, no município de Salvaterra, na ilha do Marajó: as Ruínas, vestígios materiais de uma igreja de pedra e ao lado destas, a atual igreja da vila, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ambas com escassos documentos que possam auxiliar na compreensão de datas, construtores e idealizadores. Com o auxílio do método etnográfico, desenvolvemos a coleta de documentação a partir de testemunhos orais, que são compostos por relatos, narrativas e diálogos com atores sociais que tem relação direta com o lugar: nativos e forasteiros, sendo estes confrontados com referências bibliográficas e documentais, bem como pela leitura de desenhos e mapas que auxiliam a contar a história religiosa da região. Deste modo, pretende-se construir uma estratégia de documentação que permita compreender o passado a partir do presente, com o objetivo de se construir uma narrativa com referência na arquitetura, analisando os vestígios arquitetônicos ainda existentes nas ruínas e na igreja, auxiliando a comunidade local na compreensão e valorização da cultura material em associação às práticas e tradições culturais marajoaras e por fim que se permita a atribuição de valor às ruínas, que integra o sítio arqueológico PA-JO-46 e a igreja de Nossa Senhora do Rosário.

**Palavras-chave:** História da Arquitetura; Testemunhos Oraais; Joanes; Ilha do Marajó; Pará.

# THE RUINS OF THE STONE CHURCH AND “NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO” CHURCH IN THE VILLAGE OF JOANES – MARAJÓ ISLAND - PARÁ: DOCUMENTATION THROUGH ORAL REPORTS.

**MELO, ANA LAURA<sup>1</sup>; MIRANDA, CYBELLE SALVADOR<sup>2</sup>.**

1. Architect and Urbanist graduated at “ Universidade da Amazônia (UNAMA) ”, studying master’s degree in Architecture and Urbanism at Universidade Federal do Pará (UFPA), member of the Laboratory of Memory and Cultural Heritage (LAMEMO), at Universidade Federal do Pará.

Postal Address: Av. José Bonifácio, nº160 apt.201, Fátima, Pará, Brazil.

E-mail: analaura.melo@hotmail.com

2. Doctor’s degree in Anthropology, teacher of the Faculty of Architecture and Urbanism and the Graduate Program in Architecture and Urbanism, coordinates the Laboratory of Memory and Cultural Heritage (LAMEMO), at Universidade Federal do Pará.

Institutional Address: University City Prof. José da Silveira Netto, Architecture Studio, Guamá, Belém, Pará, Brazil.

E-mail: cybelle1974@hotmail.com

## Abstract

Focused on the history of religious architecture, this communication discusses two religious buildings in a small village called “Joanes”, in the city of “Salvaterra”, on Marajó Island: the Ruins, material vestiges of a stone church and, besides it, the current church of the village, Our Lady of the Rosary Church, both with few documents that can help to understand dates, builders and creators. Using the ethnographic method, we collected documents from oral testimonies, composed of reports, narratives and dialogues with social actors that have a direct relation with the place: natives and outsiders, who are confronted with bibliographical and documentary references, as well as drawings and maps reading that help to tell the religious history of the region. This way, we intend to build a documentation strategy that allows us to understand the past from the present, with the purpose of constructing a narrative with reference in architecture, analyzing the architectural vestiges still existing in the ruins and in the church, helping the local community in the understanding and appreciation of the material culture associated to “Marajoara” cultural practices and traditions and, finally, to help on making people understand the value of the Ruins, which integrates the archaeological site PA-JO-46 and the Our Lady of the Rosary Church.

Keywords: History of Architecture; Oral Testimonies; Joanes; Marajó Island; Pará.

## **Introdução**

O estudo da história da arquitetura religiosa no estado do Pará, como a grande maioria dos temas relacionados à arquitetura no estado, ainda carece de investigação científica. Apesar do conhecimento e reconhecimento da arquitetura religiosa do século XVIII, especialmente dos templos com participação do Arquiteto italiano Antonio Landi, a ampla produção de igrejas e capelas ao longo dos séculos XIX e XX é ainda fracamente elucidada, seja em termos de documentação, de leitura arquitetônica ou de atribuição de autoria.

Quando se trata de igrejas anteriores ao século XIX, sendo esta situada em um interior da ilha do Marajó, tudo fica bem mais difícil de ser encontrado. As ruínas de uma igreja de pedra e a atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizadas na vila de Joanes, município de Salvaterra na Ilha do Marajó, surgiram como objeto de pesquisa após a análise da escassez de documentos históricos que possam auxiliar na compreensão de datas, construtores e idealizadores.

Estudar a arquitetura religiosa da vila de Joanes na ilha do Marajó é, para esse estudo específico, uma maneira de auxiliar a comunidade local a conhecer, compreender e reconhecer as edificações, práticas e tradições culturais marajoaras locais para que se consiga identificar o real valor das ruínas e da atual igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Com o objetivo de contribuir para o estudo da arquitetura religiosa através da documentação e oralidade, contando com a ajuda dos moradores da vila, os que nasceram e vivem lá até os dias de hoje e os que vieram de outro lugar e escolheram Joanes como sua morada, obtivemos relatos, narrativas e diálogos que confrontados com as poucas referências bibliográficas, documentais, mapas e desenhos irão nos auxiliar a compreender a história religiosa da região. Tal iniciativa visa agregar valor arquitetônico e histórico ao espaço cotidianamente experimentado pelos moradores da ilha em relação aos dois objetos materiais apresentados.

## **Considerações Metodológicas**

A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos, a primeira incursão ocorreu no mês de julho de 2017 e a segunda incursão no mês de agosto do mesmo ano. O método utilizado para a coleta de informações contou com um questionário de cinco perguntas aos atores de pesquisa, dos quais se inquiriu nome e data de nascimento, o que sentia ao chegar nas ruínas, qual importância das ruínas para a comunidade, o que o cuidado com as ruínas pode trazer de benefício para a vila, qual a lembrança mais antiga que se tem do

local e por fim, quem pode ajudar a cuidar deste local. Para a coleta dessas informações foram utilizados aparelhos de celulares no modo gravador de voz para a aplicação do questionário e para a coleta de imagens foi utilizada a câmera do celular.

O método etnográfico foi de grande importância para auxiliar na experiência de vivenciar a realidade do local, para a convivência diária na vila, nas ruínas e no entorno dela e para a análise da relação que os moradores têm com as ruínas e a igreja. A etnografia é sempre um desafio na vida do pesquisador, afinal, não é fácil se inserir em um campo nem sempre conhecido com a missão de observar e tentar compreender para a partir de então tirar conclusões acerca de tal ação, de tal comunidade. Porém, mesmo com todas as dificuldades, a etnografia se torna cada vez mais difundida pois permite que a relação criada entre o etnógrafo e o nativo seja reconhecida, “o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos” (MAGNANI, 2002, p.17).

O método etnográfico é um método específico da pesquisa antropológica, consiste em uma pesquisa realizada através do convívio direto com o objetivo de pesquisa, onde acontece o exercício do olhar, do observar atentamente os detalhes, onde se adentra em uma outra cultura e tenta-se compreender essa realidade.

Segundo Rocha e Eckert (2001), a etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observações e conversações desenvolvidas no contexto de uma pesquisa.

A prática do olhar etnográfico enriquece uma pesquisa e o pesquisador independente de seu objeto de pesquisa e seu objetivo inicial pois permite que ao tentar compreender uma outra realidade, se aprenda a respeitar o outro, a entender o outro e a valorizar as práticas e costumes de cada indivíduo sem um pré-julgamento.

a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar /.../ Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos... ( GEERTZ, 1989, p.20).

## Discussão sobre Ruínas.

O sítio arqueológico onde encontram-se as ruínas e a atual igreja de Nossa Senhora do Rosário (Figura 01), é um local muito frequentado na vila e está incluído em todos os roteiros turísticos da ilha do Marajó que abrangem Joanes, principalmente no mês de veraneio e no mês do círio de nossa senhora do Rosário que acontece em julho e no terceiro domingo de novembro respectivamente.



Figura 01: Vista da igreja de Nossa Sr.<sup>a</sup> do Rosário e das ruínas da Igreja de Pedra. Foto: MELO, Ana Laura. 2017.

A vila, na temporada das férias é movimentada, especialmente no ano de 2017, ocorreram algumas situações em relação à disputa política que interferiram na oferta de opções para a diversão de moradores e visitantes. Segundo alguns moradores os quais tivemos contato neste período, quando se foi exposto pela Secretaria de Turismo que não se teria verba disponível para a realização do “Verão Joanes 2017” (termo utilizado pela prefeitura para a divulgação das atrações de veraneio na vila), foram realizadas algumas reuniões entre os vendedores da praça central de Joanes e pessoas de famílias abastadas que possuem casa na vila. Decidiu-se então pela mobilização que iriam se unir para oferecer aos visitantes um veraneio de qualidade, com música mecânica, apresentação de grupos de danças e barracas de comidas e bebidas em geral, o que de fato ocorreu e tivemos a oportunidade de presenciar alguns dias desta programação.

No decorrer do mês de julho, nossa principal intenção ao percorrer as ruas da vila foi observar a relação dos nativos e visitantes com as ruínas e a igreja, neste primeiro

momento, nos limitamos apenas a analisar visualmente a realidade local no período de férias. A frequência de turistas em torno das ruínas e conseqüentemente da igreja é bem intensa, o fluxo de carros que adentram ao sítio arqueológico é grande e a ocorrência de pessoas que sobem nas ruínas para tirar fotos também impressiona, temos um exemplo na (Figura 02) em que um turista faz pose ao tirar uma foto no topo da ruína.



Figura 02: Turista posando para foto em cima das ruínas da Igreja de Pedra. Foto: MELO, Ana Laura. 2017.

Em um segundo momento da pesquisa, retornamos à vila em agosto, quando a realidade mostrou-se contrastante com o período de veraneio. A percepção inicial que tivemos após passar alguns dias inseridas nesta outra realidade e depois de conseguirmos alguns diálogos com moradores e forasteiros, foi a de que as ruínas e a igreja de nossa Senhora do

Rosário são importantes para a vila segundo grande parte dos moradores, porém eles possuem certa dificuldade em descrever o motivo da importância desses vestígios da história arquitetônica do Brasil.

Acreditamos que essa realidade ocorra na maioria das vezes por conta do não conhecimento da história da região, a história da vila e de sua construção. O decorrer do tempo apagou consigo uma grande quantidade de informações valiosas para os moradores locais e para os que hoje estudam e buscam compreender aquela realidade.

Talvez não intencionalmente, mas as pesquisas realizadas para esta porção da ilha em sua maioria são direcionadas aos vestígios arqueológicos, não estendendo o estudo ao trabalho arquitetônico realizado há séculos para a construção desta que um dia foi uma igreja de pedra, que levando em consideração os resquícios ainda existentes de sua base, era de um tamanho considerável, medindo aproximadamente 30,60 metros de largura por 37,50 metros de comprimento, onde hoje se resume apenas em ruínas.

Para Amarante (2013), as ruínas agregam a si valores simbólicos e documentais, o conceito de ruína tem sido utilizado positivamente na história da arquitetura e também na composição do conceito de monumento e memória. Quando se fala em ruínas, podem-se citar tantos elementos que existem em nosso cotidiano, artefatos deixados por nossos semelhantes, edifícios abandonados que passamos em frente durante o ir e vir dos dias e por tantas outras referências que nos remetem ao passado, ao antigo, mas que convive em harmonia ou não com o presente.

A realidade que ocorre quando nos deparamos com uma edificação tão carregada de características arquitetônicas, históricas e culturais e a qual não se tem uma referência afirmativa exata e onde mesmo estando inserida em um sítio arqueológico, não recebe o devido reconhecimento e proteção, é a de sensação de impunidade.

A dificuldade em se conceituar a importância arquitetônica, cultural e histórica das ruínas e da igreja se dá pelo fato de existirem algumas vertentes que defendem ou não a preservação das mesmas. O ruir é um processo natural que não deve sofrer interferências para o contrário? Deve-se preservar para não ruir? As ruínas são parte de uma realidade vivida em um passado o qual sem esses vestígios seria praticamente impossível que se conseguisse compreender a evolução das edificações de uma maneira geral?

Falar sobre a importância das ruínas é de grande valia para a sabedoria atual dos povos no âmbito mundial. Existem alguns teóricos, que abordam este conceito a partir século XVIII. O pensamento de John Ruskin e de Viollet – le – Duc, precursores das teorias de restauro, são

considerados pela academia como anti-intervencionista e intervencionista e juntamente com o restauro, enquadram o estudo das ruínas.

John Ruskin foi um crítico da arte, formado em sociologia e escritor, defendia a conservação da arquitetura do passado e direcionava o pertence do edifício há quem o construiu, segundo Oliveira (2008), Ruskin acreditava que a arquitetura se consolidava através do tempo e que era capaz de se eternizar carregando consigo uma carga de valor histórico e cultural.

Oliveira (2008), cita ainda que para Ruskin a restauração era a mais completa e bárbara destruição que poderia estar sujeito um edifício. Ele defendia a ideia de que seria impraticável a tentativa de devolver ao edifício a alma dada a ele por quem o projetou e o construiu, pois, seu “primeiro construtor” é o responsável por sua identidade, sendo assim sua restauração em outra época daria à edificação outra cara, outra identidade a transformando em uma outra edificação.

O apotegma de Ruskin recorda alguns pontos da carta de restauro de 1972, quando se aborda a temática do cuidado que se deve ter ao restaurar uma edificação, “Uma exigência fundamental da restauração é respeitar e salvaguardar a autenticidade dos elementos construtivos. Este princípio deve sempre guiar e condicionar a escolha das operações”. (CARTA DE RESTAURO de 1972, p.09).

O posicionamento de Viollet Le Duc, em relação à restauração vai na contramão de Ruskin pois ele defende a restauração permitindo ao arquiteto as intervenções que se julguem necessárias, podendo até agregar partes novas mesmo que nunca tenham feito parte da história da edificação, “Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.” (VIOLLET LE DUC, 2000, p.29).

Segundo Oliveira (2008), Viollet-le-Duc acreditava que o arquiteto que fosse responsável por uma restauração, deveria compreender e dominar todos os estilos e escolas dos diversos períodos da arte além de ser um construtor com experiência, deveria também ter noções básicas de arqueologia para que compreendesse a diferença entre o velho e o novo evitando assim com que sobressaísse os traços da modificação ao invés de dissimula-los.

O restauro está de maneira ampla ligado ao termo ruína, quando se propõe alguma intervenção sejam em ruínas onde ainda se encontram partes fixas interligadas umas às outras permitindo o entendimento da antiga edificação ou em pequenos pedaços do que um dia existiu ali, todos precisam de direcionamentos e diretrizes guiados pelas leis de restauro.

O caso de Joanes conta com o reconhecimento institucional, uma vez que as ruínas se inscrevem no sítio arqueológico reconhecido por órgãos competentes, no caso o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Partindo desse pensamento, a busca pela

valorização desta igreja e das ruínas a partir do recolhimento de informações fornecidas pelos atuais moradores, quiçá não compreenda a realidade absoluta sobre estas edificações, porém, fortalece o reconhecimento de quem vive ali nos dias de hoje e que ganhará uma melhoria no espaço em si e no desenvolvimento da vila.

[a] destruição e a ruína do inútil é a lei da natureza. A cultura intervém para anular ou retardar esta lei, em nome de imperativos mais elevados. Mas então o que será do imenso 'parque' de capelas e igrejas, pouco a pouco privadas do suporte natural que é a presença dos fiéis. Essenciais à paisagem, elas não devem desaparecer. Uma solução de reuso deve ser encontrada. Será a hora de lembrar que em toda sociedade o patrimônio se reconhece no fato de que sua perda constitui um sacrifício e que sua conservação supõe sacrifícios? É a lei de toda sacralidade (CHASTEL *apud* MIRANDA, 2016, p. 1460-1461).

O restaurar e o preservar, neste estudo, estão caminhando lado a lado. Temos um Igreja em funcionamento, como mostra a Figura 03, que além de abranger a responsabilidade de servir como lugar de apoio e oração, possui remanescentes da igreja de pedra hoje em ruínas. Após algumas pesquisas, entrevistas e análises *in loco*, confirmou-se que a parede lateral direita é parte de uma das paredes da antiga igreja de pedra. Contudo, para a comunidade local, este vestígio passa despercebido, sendo revestido por diversas camadas de massa corrida PVA e tinta à base d'água.



Figura 03: Parte interna da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Foto: MELO, Ana Laura. 2017.

A igreja de nossa senhora do Rosário de Joanes possui em sua entrada lateral um registro riscado no chão com a data de sua primeira e segunda reforma, a primeira ocorrida em 1905 e a segunda em 1998, em conversa com dona Marly, atual responsável pela igreja, essas informações estavam escritas em uma placa de metal ao lado de fora da igreja, porém com a deteriorização da placa, optaram por escrever no chão para que a informação não fosse perdida. Pouco se sabe sobre a construção tanto da igreja de pedra quanto da atual igreja de nossa senhora do Rosário, estamos colhendo documentações que possam direcionar e embasar esta pesquisa assim como adquirindo os relatos dos moradores mais antigos da vila para que possamos compreender o passado com o auxílio do presente.

## **A documentação pela memória dos moradores.**

Quando se aborda a temática da memória coletiva e da memória individual cria-se um leque de dados e possibilidades de relacionarmos informações até que se chegue em um conhecimento consistente, pois

Os ambientes construídos pelos homens guardam através de sua materialidade, a memória das ideias, das práticas sociais e dos sistemas de representação dos indivíduos que ali convivem (BOGEA, 2009, p. 03).

A referência à memória que os atores de pesquisa exprimem em suas entrevistas não devem ser consideradas fantasiosas, afinal é a realidade vivida por ele em um determinado ponto de sua vida e isso à torna real na construção da sua memória.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis. (POLLAK, 1989, p. 9).

A memória do ser humano serve como alimento para a comunicação dele com o mundo, o sustento da comunicação entre ele mesmo e os outros, para a construção de uma identidade seja em seu lado pessoal, profissional ou social, em todos os momentos de nossa vida a memória dá o suporte para essas relações. Em Joanes, utilizaremos as informações orais, obtidas através de pequenos diálogos e entrevistas para compreender a

realidade das ruínas e da atual igreja e a partir de então unir referências documentais e orais como suporte para sua importância histórica e arquitetônica.

As entrevistas ocorreram no mês de agosto de 2017 e tiveram como direcionamento, dois atores de pesquisa, classificados como “filhos de Joanes” e “forasteiros”, categorias reconhecidas por (Bezerra, 2011). Os diálogos sempre se iniciavam com uma conversa em que descrevíamos resumidamente nossa profissão e os motivos de estarmos em busca de informações para que pudessem complementar nossa pesquisa.

Nosso primeiro contato com um filho de Joanes, foi com a atual diretora da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental de Joanes, dona Adair Rabelo. Nossa conversa inicial foi importante para o desenvolvimento das outras entrevistas pois ela nos direcionou à outras pessoas que nos receberam de maneira amável, nos fornecendo valiosas informações.

A escola fica bem próxima a igreja e as ruínas e esse posicionamento segundo dona Adair tem um lado positivo e outro negativo, pois com essa proximidade os alunos podem fazer visitas e estudos caminhando por entre essas edificações, aprendendo a ajudar a comunidade a cuidar destes bens, porém, por outro lado, à proximidade e a inserção da edificação da escola no sítio arqueológico PA-JO-46, dificulta qualquer ampliação e reforma na escola por menor que seja, pois o risco de se encontrar material arqueológico é grande e isso limita o crescimento da edificação e a possibilidade de transformar a escola para receber alunos de todos os níveis de ensino, desta maneira após o ensino fundamental os alunos precisam se deslocar até o município de Salvaterra para finalizar o ciclo de estudos.

Adair também nos relatou que por inúmeras vezes conversou com os alunos sobre a importância das ruínas e da igreja para a comunidade, e que eles deveriam zelar por elas, deixando de subir, de retirar pedras e danificar essa edificação, citou que a frequência de turistas diminuiu nos últimos dois anos, mas que a maioria deles ainda sobem quando vão tirar fotos nas ruínas.

Perguntamos a ela sobre as intervenções do IPHAN - PA (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Pará) na vila. No ano de 2014 foi realizada uma obra de estabilização estrutural e conservação das ruínas de Joanes, neste mesmo ano foi realizado um ciclo de palestras intitulado “Conversa Pai D’égua: falando sobre patrimônio”, tendo como tema “Patrimônio Cultural de Joanes”, sendo palestrantes o pesquisador Fernando Marques do MPEG (Museu Paraense Emílio Goeldi), a professora Mariele Campos do EMEIF de Joanes e a educadora Carla Cruz do IPHAN PA. O posicionamento dela acerca desta pergunta não foi positiva, afirmou que a atuação do IPHAN na vila é realizada de maneira

escassa e que não incluem a opinião de todos, que na maioria da vezes a tomada de decisões é realizada por um pequeno grupo de pessoas que em sua maior parte não são “filhos de Joanes”.

Inquirimos sobre o trabalho realizado por arqueólogos na vila, e para nossa surpresa ela nos permitiu ver alguns materiais arqueológicos recolhidos por eles durante as pesquisas e que estão em posse da escola (Figura 04). Armazenados dentro de dois isopores velhos e deteriorados, dentro de uma sala onde guardam materiais diversos estão relíquias que contam uma parte da história de quem viveu neste lugar.



Figura 04: Material encontrado no sítio arqueológico PA-JO-46 Joanes, que hoje está em posse da escola de Joanes. Foto: MELO, Ana Laura. 2017.

Após o contato com a diretora da escola, fomos em busca de dona Marly, também considerada “filha de Joanes”, ela é a atual responsável pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Nós a encontramos e ela nos recebeu de maneira muito agradável, perguntamos se poderíamos entrar na igreja e ela prontamente disse que iria buscar a chave e nos aguardava lá. A igreja de Nossa Senhora do Rosário não fica aberta diariamente e segundo dona Marly, essa decisão foi tomada por precaução, pois algumas vezes já tentaram furtar imagens de alguns santos da igreja, são realizadas missas de quinze em quinze dias,

batizados e missas de aniversário ou de falecimento precisam de agendamento prévio e pagamento de uma taxa que variam de acordo com a quantidade de solicitações.

Dona Marly abriu a igreja e tivemos a oportunidade de observar a igreja internamente, segundo ela, as reformas realizadas lá nunca alteraram sua estrutura física, são apenas reparos por conta de infiltrações, pintura, troca de ripas e telhas quebradas. Ela se diz triste pela falta de interesse da paróquia de Salvaterra que sempre alega não ter recursos para beneficiar a igreja, partindo apenas de Marly e alguns outros integrantes da comissão responsável pela igreja de Joanes que se reúnem e fazem bingos e vendas de comidas para a arrecadação de verba para a manutenção da mesma. Nós perguntamos a ela qual sua primeira impressão ao chegar nas ruínas e ela respondeu

Eu digo mesmo, eu me sinto muito feliz de ter algo preservado na nossa comunidade né, que faz muito, muito tempo que foi construído. Que eu não sei se meus netos e bisnetos ainda verão se você não preservar aquilo ali. É porque a gente sabe que aquilo ali ta caindo, ta tombando e se a gente não preservar, não cuidar daqui a um tempo vai sumir. Eu fico muito feliz de ter na minha comunidade patrimônios históricos (Marly Santos,2017).

Tivemos contato com seu Gaúcho, comerciante e “forasteiro”, um personagem conhecido na vila por seu jeito imponente e decidido. Ele é um homem que defende seus interesses de forma segura e não tem medo de lutar pelo que acredita, chegou em Joanes a procura de um lugar melhor para viver e melhorar de saúde, se encantou com o lugar e decidiu transformar a vila de Joanes em seu lar. Ele nos contou que foi muito perseguido pelos “filhos de Joanes” logo no início e que sofreu muito até conseguir se estabilizar na vila. Ele é um homem estudado, que tem muito conhecimento em história, conversamos com ele por horas, nos relatou diversas situações ocorridas na vila e no entorno dela, e sobre sua conflituosa relação com alguns “filhos de Joanes”, pois alguns acreditam que ele visa apenas o lado comercial para se beneficiar.

Com relação à preservação do sítio arqueológico de Joanes, ele se posiciona de maneira distinta, aponta os órgãos responsáveis por tal incentivo ao turismo e a preservação como grande parte do descuido da vila, porém ele como “forasteiro” alega que os “filhos de Joanes” não dão o devido valor que a vila merece. Perguntarmos a ele o que sente ao chegar nas ruínas ele relata

Primeiro um misto de tristeza com saudade. Tristeza porque não há conservação não há orgulho de tê-la, não há reconhecimento que isso foi um passado que colocou Joanes conhecida no mundo todo e a impotência de saber que quase tudo que se quer fazer passa por poderes públicos que

não demonstram nem uma vontade nos órgãos principais de querer conservar de manter de querer ajudar a fazer alguma coisa. Além da incapacidade da igreja de não se mexer pra nada e querer tudo pronto. É muito fácil que as coisas caiam do céu, só que elas não caem e isso faz com que a gente sinta um pouquinho de tristeza, sinta um pouquinho até de remorso por não conseguir fazer, convencer as pessoas de que isso é uma coisa boa, que isso é um futuro pra cá, isso é uma chance de emprego, isso é uma chance de escola isso é uma chance de um segundo grau melhor, até talvez uma pequena universidade. Então os sentimentos são muitos duplos, alegria por existir a tristeza por não se fazer quase nada, mínimas coisas são feitas (João Gaúcho,2017).

Nosso quarto ator de pesquisa é “forasteiro” também, se chama Marineide, conhecida como tia Neide. Ela é de Belém do Pará, mas se apaixonou por um “filho de Joanes” o finado Badú, casaram e ela foi morar na vila. Hoje ela trabalha com venda de comidas em um dos quiosques da praça central de Joanes e é integrante da AERAJ (Associação Educativa, Rural e Artesanal da Vila de Joanes), onde fabricam artesanatos para arrecadação de verba e também para a divulgação da Vila de Joanes para o mundo.

Segundo tia Neide, mesmo morando na vila a décadas, alguns “filhos de Joanes” duvidam do real sentimento de amor que diz nutrir pela vila e que isso já foi pior quando ela chegou e começou a trabalhar. A fizemos a mesma pergunta, qual sensação ela tem ao chegar nas ruínas, nos respondeu o seguinte

O abandono, e o que me entristece assim é as pessoas, as próprias pessoas daqui. É a nossa história que ta ali né, a gente tem que saber de tudo pra poder contar, pra dizer o porquê delas ali, e o que acontece a gente sabe um pouquinho aqui, um pouquinho ali, não sabe assim em detalhes que eu acho que todo o Joanense ou uma pessoa que mora aqui eu acho que deveria saber pra poder contar. Ter orgulho do que a gente tem. (Marineide Sousa, 2017).

As sensações ao se chegar diante de edificações tão emblemáticas no quesito histórico, arquitetônico e cultural de um lugar, são as mais diversas possíveis, os relatos citados acima são pequenos trechos que descrevem o entendimento individual e a memória que aquela pessoa tem de quando chegou ali pela primeira vez, ou a lembrança mais antiga, ou a vaga lembrança de que seus avós, pais e tios lhe contaram sobre esse lugar.

### **Considerações Finais.**

Respeitando a memória, o valor e o significado que a igreja e as ruínas denotam para cada personagem que nos permitiu a conversa, a gravação do diálogo, adentrar mesmo que minimamente em sua memória, em sua história de vida, buscaremos ainda mais profundamente reunir fatos e relatos que proporcionem uma compreensão sensata da verdadeira história da vila de Joanes com sua igreja de pedra (hoje em ruínas) e sua atual igreja de Nossa senhora do Rosário, pois este artigo é parte de um estudo maior que resultará na dissertação de mestrado intitulada “Um estudo sobre patrimônio histórico e arquitetônico na Vila de Joanes – Ilha do Marajó (PA).

## Referências Bibliográficas

AMARANTE, Bruno Guimarães, 1978- A estética da ruína como poética [manuscrito] – 93 f.: il. 2013.

BEZERRA, Márcia. 2011. Artesãos do Passado: um projeto de pesquisa aplicada em uma comunidade na Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil, FUNARTE/Ministério da Cultura. Relatório. Inédito.

BOGEA. Marta, – Forget To Preserve – Esquecer para Preservar (Tradução português/inglês), 2009.

Carta de Restauro de 1972. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20do%20Restauro%201972.pdf>>.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa : Por uma teoria interpretativa da cultura. In : A interpretação das Culturas.. Rio de Janeiro : Guanabara, 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002.

MIRANDA, Cybelle Salvador. Ruínas, duração e patrimonialidade. **RUA**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 407-424, dez. 2016. ISSN 2179-9911. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8647942/14711>>. Acesso em: 20 out. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/rua.v22i2.8647942>.

OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de. O pensamento de John Ruskin. Resenhas Online, São Paulo, ano 07, n.074.03, Vitruvius, fev. 2008 < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087>>.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan. 1989.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, ECKERT, Cornelia. Etnografia : Saberes e Práticas. Iluminuras : série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, N.21 (2008), 23 p.2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/30176>. Acesso em 20 set. 2017.

VIOLLET LE DUC, Eugéne Emmanuel. Restauração. Trad. Beatriz Mugayar Kuhl. Cotia: ed. Ateliê Editorial, 2000.